

# “Eu gosto do lado mais sóbrio da propaganda”

Artista plástico e arquiteto, Guto Lacaz critica a estética e os conceitos da publicidade da TV e admite a preferência por logotipos e marcas antigas. Ele destaca a qualidade dos designers brasileiros na área de mobiliário

SANDRA SILVA

**Meio & Mensagem — Você gosta de publicidade?**

**Guto Lacaz —** Eu sou viciado em televisão, mas sou meio revoltado com publicidade. Não sei se a culpa é do publicitário ou dos clientes, mas é uma área que tem absurdos. Eu não sou moralista, mas há muito apelo sexual, principalmente em comerciais de cerveja. É meio leviano falar. Existem propagandas de automóveis que são “criminosas”. Eles adoram ostentar riqueza passando com o carro por lugares imaginários nos filmes publicitários — as pessoas nunca estão no trânsito. Dizem que a publicidade é criativa, mas eu não acho. É estereotipada.

**M&M — Você pode dar algum outro exemplo?**

**Lacaz —** Tem um filme em que a taxa de juro na compra do carro é de 0%, e o carro está no Pólo Sul (*campanha da Loduca “Zero grau. Zero de taxa”, para a montadora Peugeot*). Mas a temperatura no Pólo Sul fica muitos graus abaixo de zero. Cometem esses erros, e não é por falta de dinheiro para produzir. Eu acho o humor da publicidade de quinta (*categoria*), não acho graça. Tem um filme em que o carro vai passando e vão saindo flores em volta. São trabalhos até conceitualmente errados e fora do pensamento contemporâneo. O carro polui, e há um movimento mundial de incentivo à diminuição do uso de veículos.

**M&M — É uma crise apenas da publicidade?**

**Lacaz —** Eu tenho um compromisso. A publicidade brasileira não convence, o cinema brasileiro não convence, artes plásticas não convencem. Um tédio. Você gasta dinheiro, vê produções enormes. Tem muita gente fazendo essas atividades, mas não existe qualidade. Você tem de filtrar. E há muita gente sem formação.

**M&M — A que você assiste na televisão?**

**Lacaz —** Eu vejo tudo. Fico rodando os canais com o controle remoto. É até neurótico, não paro em nenhum canal. Gosto mesmo é do Discovery e do National Geographic, que são canais de arte, têm documentários. Também assisto ao programa da Eliana (*Tudo É Possível, da TV Record*), que tem dois mágicos e três físicos. Eles são consistentes. A maioria dos programas da TV é horrível, só gente chorando — pegam os nordestinos e enviam de volta para casa e ainda chantageiam emocionalmente com essa “ajuda”. A Oprah faz isso e presenteia pessoas, mas é um pedacinho do programa.

Aqui tem um programa inteiro sobre isso. Na Rede TV, duas p... ficam horas em um programa em que o telespectador tem de descobrir a palavra embaralhada. E quando o telespectador liga — eu liguei uma vez — o telemarketing segura muito tempo na ligação apenas para você gastar na conta de telefone. O Big Brother Brasil não pode durar três meses. Os BBBs são uma gente que não sabe fazer nada, não vale a pena. Tudo isso para depois sair de lá uma Sabrina Sato que vai parar na Rede TV.

**M&M — Então você gosta da publicidade antiga?**

**Lacaz —** Eu tenho uma relação com a publicidade. Gosto da publicidade de revistas das décadas de 50 e 60, uma propaganda mais gráfica, com fotos mecânicas (*fotos retocadas*). Eu colecionava edições da revista Seleções e da Mecânica Popular. Não era essa propaganda de milhões de dólares. Foi aí que começou minha aproximação com a propaganda gráfica.

para ninguém. Respondo a propostas de trabalho por e-mail.

**M&M — As empresas estão investindo mais em projetos de artistas?**

**Lacaz —** Tem um monte de gente por aí que domina essa interface de oferecer projetos para empresas em busca de patrocínio, mas essa área é cheia de “baracos”. Às vezes as empresas investem em um projeto que não é nada. Chamam de 20 a 30 artistas e ninguém ganha nada. Só

## Foto

**M&M — Mas você não gosta mesmo de propaganda?**

**Lacaz —** Eu gosto do lado mais sóbrio da propaganda. Do bombom Sonho de Valsa. Até fiz o projeto gráfico do livro Mais Forno e Fogão, com marcas que marcaram minha infância e a de meus amigos. Há uma homenagem à embalagem do Leite Moça, que depois estragaram com o novo design. Tem Maisena e Azeite Gallo — que eu uso na minha casa —, e Arroz Brejeiro. No logotipo da manteiga Aviação tem um avião no meio da manteiga. E você fica até pensando “como pode ser isso”? Tem também fósforos Pinheiro e Chocolate do Padre.

**M&M — Você é muito consumista?**

**Lacaz —** Eu fui muito consumista. Quando foi lançado o vídeo, comprei. E fui juntando tudo o que era meu e de mais cinco amigos, por exemplo, que não queriam mais esses objetos. Utilizo muito o vídeo para documentar meu trabalho. Estou neste momento com um projeto: o livro filmado do naufrago Robinson Crusoe (*imagem das ilustrações do livro, com a inclusão de trilha sonora*).

**M&M — Você gosta então de misturar velhas e novas mídias?**

**Lacaz —** Hoje o Google é o oráculo. Eu utilizo a internet para e-mails. Não ligo

quem ganha é o curador. Isso é o que eu chamo de barraco. A Bienal Internacional de Artes de 2008 (*no Pavilhão do Ibirapuera, em São Paulo*) foi uma tristeza.

**M&M — Você gosta do design brasileiro?**

**Lacaz —** Há alguns bons designers no País, principalmente de mobiliário. Existem mesmo excelentes profissionais e há um boom desse setor, mas não existe ainda o design brasileiro. A gente mais importa do que produz. O que é o design brasileiro? O orelhão? Há mais lojas de grife de móveis. Eu já desenhei uma mesa para a Tok&Stok. Foi inspirada em uma mesa que eu tinha aqui.